



A PERCEPÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL EM RELAÇÃO À INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TEA

Leonardo José Engel Bonott*; Lucas Alan Jahn**; Adriele Aparecida, Zatta***

*Graduando em Terapia Ocupacional pela Faculdade UNIGUAÇU.

**Graduando em Terapia Ocupacional pela Faculdade UNIGUAÇU.

*** Docente do curso de Terapia Ocupacional na Faculdade UNIGUAÇU.

INFORMAÇÕES

Histórico de submissão:

Recebido em: 22 nov. 2023.

Aceite: 29 abr. 2024.

Publicação online: maio 2024.

RESUMO

De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), estima-se que dentre os 200 milhões de habitantes que vivem aqui no Brasil, cerca de 2 milhões tem autismo, mas essas informações estão desatualizadas. Números que com o passar do tempo tendem a aumentar devido a diagnósticos e estudos mais precisos. Os objetivos desse estudo é buscar identificar o nível de conhecimento dos professores do Colégio Estadual Costa e Silva em Itaipulândia-PR sobre como atender o aluno portador do TEA. A metodologia empregada no presente trabalho foi um estudo quanti-qualitativo de cunho descritivo. Concluímos que os conhecimentos sob o olhar da Terapia Ocupacional são fundamentais nesse processo de aprendizagem e inclusão escolar.

Palavras-chave: Autismo; Diagnósticos; Transtorno; Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

According to the WHO (World Health Organization), it is estimated that among the 200 million inhabitants living here in Brazil, around 2 million have autism, but this information is outdated. Numbers that tend to increase over time due to more precise diagnoses and studies. The objectives of this study are to identify the level of knowledge of teachers at Colégio Estadual Costa e Silva in Itaipulândia-PR on how to assist students with ASD. The methodology used in the present work was a quantitative-qualitative study of a descriptive nature. We conclude that knowledge from the perspective of Occupational Therapy is fundamental in this process of learning and school inclusion.

Keywords: Autism; Diagnostics; Disorder; Occupational therapy .

Copyright © 2024, Leonardo José Engel Bonott; Lucas Alan Jahn; Adriele Aparecida Zatta. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citação: BONOTT, Leonardo José Engel; JAHN, Lucas Alan; ZATTA, Adriele Aparecida. A perceptiva da TO em relação à inclusão escolar de alunos com TEA. *Iguazu Science*, São Miguel do Iguacu, v. 2, n. 4, p. 77-83, ago. 2024.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista, também conhecido popularmente como autismo ou pela sigla

(TEA), é um transtorno global do desenvolvimento que afeta o desenvolvimento motor, psiconeurológico, cognitivo, a linguagem, e a interação social da criança. O autismo é um transtorno que afeta o sistema neurológico que está presente no indivíduo desde a

sua infância, resultando em atrasos comportamentais e sociocomunicativas (SCHMIDT, 2013). Atualmente, existe uma classificação em relação ao perfil de habilidades e necessidades do autismo, são classificados em três níveis, levando em consideração déficit de comunicação, interação social e comportamento, sendo eles: leve, moderado e severo (CUNHA, 2015).

A inclusão escolar do aluno com TEA é assegurada pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, portaria nº 555/2007, prorrogada pela portaria 948/2007. Esta portaria assegura que, todo aluno com alguma deficiência, transtornos globais e altas habilidades/superdotação, tem direito a inclusão escolar (MEC/SEESP, 2008).

A educação especial se fundamentava em uma extensão da prática clínica dentro das escolas, tendo como intuito a normatização das crianças e não a sua inclusão social. A partir da década de 80 essa visão mudou, a intervenção clínica dentro da escola para crianças com deficiência foi deixada de lado, e foi aí que a Terapia Ocupacional passou por um processo de transformação e se inseriu nesse cenário. O TO (terapeuta ocupacional) adaptou sua intervenção e passou a orientar seu paciente no processo de inclusão escolar (GALLO, NEPOMUCENO, 2019).

O TO atua no âmbito escolar incluindo o uso de técnicas e práticas, seja eles no ambiente escolar, como mudança ou adaptação de um ambiente, auxílio aos alunos, e levando conhecimento aos professores. Além disso, o TO também trabalha em conjunto com a família do aluno, fornecendo orientações, resultando em um fortalecimento da relação aluno, família e escola (TOYODA, LOURENÇO, 2008).

O processo de aprendizagem do educando com TEA no ensino regular tem apresentado um cenário muito desafiador, demandando do educador estratégias e conhecimentos para que tenha eficácia no processo de aprendizagem (NUNES, SCHMIDT, 2019). Diante ao que foi exposto, a questão norteadora dessa pesquisa foi: Qual a percepção dos professores do Colégio Estadual Costa e Silva em Itaipulândia-PR aos alunos com TEA?

Para que realmente ocorra a inclusão escolar, se faz necessária a participação de toda a comunidade escolar, como pais, professores, alunos, e demais profissionais da educação. O terapeuta ocupacional tem grande relevância para alcançar tais objetivos, pois ele é um dos profissionais que tem mais conhecimento sobre o autismo, tendo papel fundamental para orientação aos professores e funcionários deste estabelecimento (SCARDUA, 2008).

Mediante a isso, justifica-se o seguinte trabalho, pois é através do conhecimento desses profissionais de ensino, que resultará numa maior conscientização e inclusão do aluno com TEA no ambiente escolar.

METODOLOGIA

O seguinte estudo foi realizado com os professores de ambos os sexos, e diferentes idades, que possuam alunos com autismo em sala de aula no ano letivo de 2023, atuantes no Colégio Estadual Costa e Silva, situado na Rua Castro Alves, 1786, centro, no município de Itaipulândia-PR. Este estabelecimento, conta com 889 alunos matriculados nos períodos matutino, vespertino e noturno, 21 funcionários, e 60 professores (COMUNICAÇÃO PESSOAL, 2023).

Para a realização da coleta de dados neste estabelecimento, foi primeiramente realizado contato com a direção da escola, e em seguida foi necessário a abertura de um e-protocolo nº 20.354.050-7 via portal da SEED, que foi enviado ao núcleo regional de educação de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, apresentando o objetivo do seguinte estudo. Foi solicitado a autorização para a aplicação dos questionários, no qual houve parecer favorável, ficando autorizado a realização do seguinte estudo.

Posteriormente houve a aprovação do comitê de ética, através do CAAE 69973023.7.0000.0107. Diante disso, ocorreu a aplicação do TCLE aos professores, que foi lido pelos pesquisadores e assinado pelos participantes da pesquisa, se assim aceitarem. Os participantes poderiam desistir de participar da pesquisa em qualquer momento, caso sentirem-se importunados.

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados dois questionários, um de cunho quantitativo e um de cunho qualitativo, com o intuito de conhecer os perfis dos pesquisados. O primeiro questionário era composto de cinco perguntas, constando as seguintes informações: Nome, idade, sexo, formação e tempo de atuação. As perguntas foram baseadas no questionário dos pesquisadores Pimentel e Fernandes do trabalho intitulado "A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo" do ano de 2014.

A pesquisa realizada se tratava de cunho quantitativo, no qual se entende como coleta de dados numéricos, analisados através de métodos matemáticos, neste caso buscando precisão, e evitando equívocos na hora de interpretar os dados (ALIAGA, GUNDERSON, 2002). Após a aplicação do questionário quantitativo, foi realizada uma roda de conversa e orientação junto aos participantes e

também aos demais professores da instituição de ensino, nela houve um momento onde foram abordados assuntos relacionados a autonomia e rigidez de crianças com autismo, inclusão escolar, métodos de inclusão, a importância do professor apoio e estratégias de metodologia de ensino aos alunos com TEA, além de trocas de experiências e vivências, momento em que agregou muito conhecimento para ambas as partes.

Diante disso, aplicou-se mais um questionário semanas depois, desta vez de cunho qualitativo, onde os profissionais foram questionados novamente sobre sua metodologia aplicada em sala e se as orientações passadas na palestra surtiram efeito ao decorrer das aulas. A partir dos dados obtidos, foram feitas novas tabelas, com a utilização do programa Office Excel para a tabulação dos resultados da pesquisa. Também foi relatado de forma descritiva os resultados dos questionários de cunho qualitativo, pois os mesmos se tratam de respostas abertas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos sessenta professores atuantes no Colégio Estadual Costa e Silva, apenas dez deles atuam com alunos com autismo em sala de aula, sendo dois professores homens atuantes nas disciplinas de Educação Física e Geografia, e oito professoras mulheres atuantes nas disciplinas de Matemática, Português, Inglês, Ciências, Geografia, História e Artes. Uma delas é professora de apoio e tem formação em Pedagogia. O tempo de atuação em sala de aula desses professores variam entre 6 a 35 anos na profissão.

A primeira questão do questionário perguntava ao entrevistado o que era o Autismo, no qual 100% dos entrevistados assinalaram como sendo um “transtorno de desenvolvimento”. Isso comprova que os profissionais têm ciência sobre o que é o Autismo, porém ainda se trata de um conhecimento básico.

Ter conhecimento sobre o autismo é uma habilidade crucial para que os professores possam tentar fornecer uma educação inclusiva e eficaz. A compreensão do autismo permite que os professores identifiquem e respondam às demandas individuais de seus alunos com TEA. Esse conhecimento resulta ao professor regente primeiramente entender a sua relação com seus alunos com TEA, bem como a relação entre eles, para então, possibilitar a elaboração de estratégias de ensino em benefício da aprendizagem da turma (FAVORETTO, LAMÔNICA, 2014).

A segunda questão do questionário está representada através do Gráfico 1. A seguinte questão

questiona os educadores sobre como é atuar em sala de aula com alunos com TEA juntamente com o auxílio do professor de apoio.

O resultado abaixo comprova que todos os entrevistados em sua concepção acham desafiante aplicar sua metodologia de ensino aos alunos com TEA de forma eficiente. Dentre os dez entrevistados que relataram ser desafiador, seis deles relatam conseguir bons resultados de aprendizagem com os mesmos durante o ano letivo. Com o auxílio do professor de apoio, dois deles acham desafiante lidar com aluno com autismo e dois entrevistados relataram não obter resultados de aprendizagem.

Gráfico 1: Referente a pergunta “Como é atuar em sala de aula com aluno que possui autismo junto a presença do professor apoio?” Que foi aplicada aos profissionais que atuam com alunos com TEA no Colégio Estadual Costa e Silva no ano letivo de 2023.



Fonte: Autores (2023).

Nesse processo de aprendizagem é fundamental que o professor apoio eleve uma expectativa em relação à capacidade de progressão dos alunos. Ainda que eles não desistam nunca de buscar novos meios e estratégias para ajudá-los a vencer os obstáculos do ano letivo (MANTOAN, 1997).

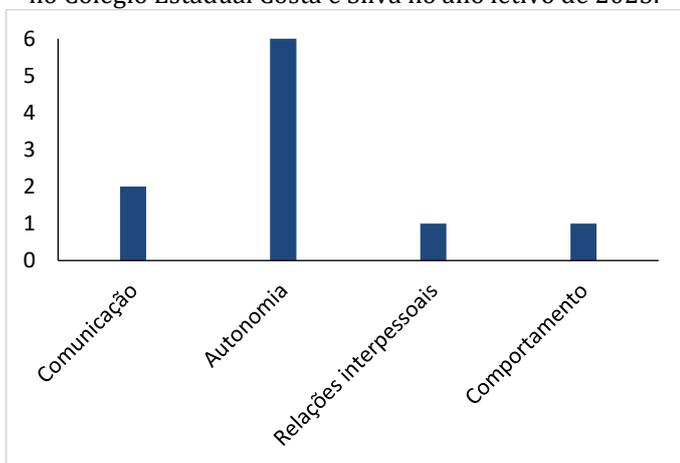
Os professores de apoio desempenham um papel crítico no sistema educacional, proporcionando suporte essencial a alunos com necessidades especiais e contribuindo para a criação de um ambiente de aprendizado inclusivo e equitativo. Além disso, os benefícios dos professores de apoio se estendem além do aspecto acadêmico. Eles desempenham um papel crucial no desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais dos alunos. Muitos alunos enfrentam desafios nessas áreas, e os professores de apoio oferecem orientação e apoio emocional, criando um ambiente seguro e inclusivo para o crescimento dessas habilidades.

A terceira questão do questionário aplicado é retratada a partir do gráfico 2: A seguinte questão

questiona os educadores sobre em que áreas o mesmo encontra mais dificuldades com seus alunos com TEA.

O resultado abaixo retrata que grande maioria dos entrevistados assinalaram a opção de autonomia, retratando que seus alunos com TEA realmente necessitam assim de auxílio para realização das atividades durante as aulas, dois entrevistados responderam a opção de comunicação, relações interpessoais e comportamento obtiveram um voto cada qual. Nesse caso, o colégio conta com uma professora apoio para atender esses alunos com dificuldade de autonomia durante as aulas, sendo essencial para a aprendizagem do aluno com TEA.

Gráfico 2: Referente a pergunta “Em que áreas que você encontra mais dificuldade com seu aluno autista?” Que foi aplicada aos profissionais que atuam com alunos com TEA no Colégio Estadual Costa e Silva no ano letivo de 2023.



Fonte: Autores (2023).

A autonomia do autista é um tema importante e que merece ser discutido com sensibilidade e respeito. Autismo é um espectro, o que significa que as características e necessidades de cada indivíduo podem variar significativamente. No entanto, promover a autonomia e a independência dos autistas é um objetivo que deve ser buscado em todos os casos.

A autonomia começa com a compreensão e aceitação das diferenças individuais. É fundamental reconhecer que o autismo não é uma deficiência, mas sim uma variação neurodiversa. Cada autista possui habilidades únicas e interesses específicos que devem ser valorizados e desenvolvidos. A autonomia é um processo que se constrói de acordo com os modos de vida das crianças em interação social, mediante reflexão e ação diante das interações que a criança vai vivendo no dia a dia (DIAS, 2005).

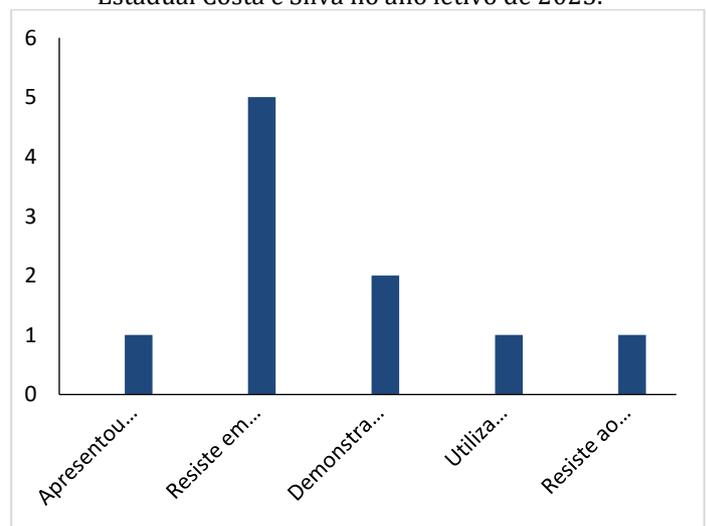
O professor de apoio é especialista em educação especial, utiliza estratégias com o aluno dentro da sala de aula na rede regular de ensino (FREITAS, 2013).

Cada aluno é único, com suas próprias habilidades e obstáculos. Os professores de apoio estão bem preparados para identificar as necessidades específicas de cada estudante, desenvolvendo estratégias pedagógicas sob medida para permitir que eles atinjam seu potencial máximo. O objetivo é dar autonomia necessária ao autista proporcionando um desenvolvimento mais eficaz, facilitando assim a sua interação e convivência (RODRIGUES, 2006).

A profissão de professor de apoio, está instaurada na rede estadual de ensino desde o ano de 2003, com a deliberação 02/03 (Normas para a Educação Especial, modalidade da Educação Básica para alunos com necessidades educacionais especiais, no Sistema de Ensino do Estado do Paraná), prestando atendimento educacional ao aluno que necessite. Sua função é auxiliar o professor regente (PARANA, 2003). Devido as práticas de inclusão escolar que frequente ocorrem, a Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED) entende que há a necessidade deste profissional nas escolas. São vinte anos de regulamentação e instauração da atuação desse professor, demonstrando que existe a preocupação do estado em relação a inclusão do aluno com TEA e, o reconhecimento e valorização deste profissional, tendo em vista a alta demanda que vem ocorrendo nas escolas.

A terceira questão do questionário aplicado é retratada a partir do gráfico 3: A seguinte questão questiona os educadores sobre como era a relação, comportamentos e interesses do seu aluno com TEA em sala de aula.

Gráfico 3: Referente a pergunta “Em relação aos comportamentos e interesses quais observa com mais frequência em seu aluno autista?” Que foi aplicada aos profissionais que atuam com alunos com TEA no Colégio Estadual Costa e Silva no ano letivo de 2023.



Fonte: Autores (2023).

O resultado acima nos retrata a dificuldade pelas quais um aluno com autismo pode resistir à participação dentro da sala de aula, os fatores podem ser inúmeros, como sensibilidades sensoriais, intolerância a luzes brilhantes, ruídos altos ou texturas desconfortáveis, podem tornar o ambiente da sala de aula desconfortável. Além disso, muitos alunos com autismo têm dificuldades na comunicação, o que pode dificultar a expressão e compreensão de suas necessidades, interesses ou preocupações em relação às atividades em sala de aula. Da mesma forma que outras particularidades, a habilidade linguística de pessoas com autismo pode diferir consideravelmente entre indivíduos. Enquanto alguns conseguem estabelecer comunicação eficaz, outros têm uma comunicação bastante limitada, e algumas, que não receberam estímulo adequado, podem até não desenvolver a comunicação (PAPIM, SANCHES, 2013).

A falta de rotina e previsibilidade também pode ser um fator desencadeante de resistência. Mudanças bruscas nas atividades ou falta de clareza sobre o que é esperado deles podem causar ansiedade e levar à resistência. Além disso, alguns alunos com autismo têm interesses muito específicos e podem não se envolver em atividades que não estejam alinhadas com esses interesses.

Portanto, é necessário que os professores introduzam novas alternativas no ensino desses alunos, trazendo práticas de ensino que lhes possibilitem socializar e interagir como a troca de experiências com seus colegas (MONTEIRO, RIBEIRO, 2018).

Após a aplicação do questionário quantitativo, houve uma palestra, dirigida pelos autores do seguinte estudo, a mesma foi realizada no dia de estudo e planejamento dos professores. Foram abordados assuntos relacionados a autonomia e rigidez de crianças com autismo, inclusão escolar, métodos de inclusão, a importância do professor apoio e estratégias de metodologia de ensino aos alunos com TEA. Houve momentos de questionamentos e dúvidas, sobre diversas questões sobre o TEA, nas quais ocorreu muita troca de informação e experiências.

Em torno de um mês depois, os pesquisadores se dirigiram novamente a instituição de ensino, e aplicou-se um último questionário, dessa vez, de autoria própria e de cunho qualitativo, o mesmo era composto de três perguntas, onde os profissionais foram questionados novamente sobre sua metodologia aplicada em sala e se a as orientações

passadas na palestra surtiram efeito ao decorrer das aulas.

A primeira questão questionava qual metodologia de ensino os professores estariam utilizando em sala de aula. A grande maioria respondeu utilizar o professor de apoio como instrumento, uso de plataformas de ensino e métodos inclusivos, como atividades em grupos e debates, opções que foram sugeridas pelos pesquisadores durante a palestra. Esse resultado fica visível nas seguintes respostas obtidas nessa questão, o entrevistado 01 relatou o seguinte: “atividades com o auxílio da professora apoio”, já o entrevistado 02 respondeu: “uso de imagens, atividades em grupo e plataformas educacionais”, o entrevistado 03 descreveu: “uso de slides, plataformas de leitura e escrita, e trabalhos em grupo”.

Podemos notar que a utilização de recursos como apresentação visual e estruturada proporcionada por slides pode ser benéfica para alunos com autismo. Eles podem processar informações de forma mais eficaz quando o conteúdo é organizado de maneira clara e previsível. Além disso, a consistência oferecida por slides e plataformas digitais ajuda a criar um ambiente de aprendizado estável, o que é particularmente importante para alunos com autismo, que muitas vezes prosperam na rotina e na previsibilidade (GORAYEB, GORAYEB, 2017).

Outra vantagem notável é a capacidade de personalização que essas ferramentas oferecem. Os educadores podem adaptar o material de ensino de acordo com as necessidades individuais de cada aluno, levando em consideração suas preferências e estilos de aprendizado específicos. Isso possibilita uma educação mais eficaz e centrada no aluno. Os recursos de alta ou baixa tecnologia quando utilizados, proporcionam resultados positivos referente à atenção conjunta dos alunos com TEA nas atividades, na interação com outros colegas e na participação com trocas comunicativas em sala, como debates e trocas de ideias (MONTE, 2015).

A segunda questão questionava os profissionais de ensino se era notória a melhora na aprendizagem destes alunos com TEA. No qual as respostas obtidas foram surpreendentes, todos os entrevistados relataram que notaram melhora no desempenho escolar dos seus alunos. Ficando visível através de respostas como do entrevistado 01: “sim, está mais autônomo e responsável por seus resultados”, “estou me surpreendendo, achei que não obteria resultados tão positivos”, já o entrevistado 02 descreveu o seguinte: “sim, estão mais participativos durante a

realização das atividades, com o trabalho em conjunto com outros profissionais educacionais”.

Isso comprova que após a orientação através da ótica da Terapia Ocupacional aos educadores, associado com o professor de apoio, o uso de slides e plataformas digitais na educação de alunos com autismo são essenciais para criar um ambiente de aprendizado adaptado às suas necessidades específicas, promovendo a autonomia, a inclusão e o progresso educacional desses alunos. Nesse sentido, o objetivo do terapeuta ocupacional no ambiente escolar é propor dispositivos ou metodologias que resultam numa real inclusão das crianças, pela intervenção com alunos, professores e técnicos, contribuir para um melhor redimensionamento da prática dos profissionais (DELLA BARBA, MINATEL, 2013).

A terceira e última questão abordava os profissionais sobre a procura de capacitação e informação para atuar com alunos com TEA, grande parte dos entrevistados respondeu que está buscando informação e capacitação, mas por conta própria, sem o auxílio do estado. Este resultado fica claro através de respostas como a do entrevistado 01: “sim, informações por conta própria, não temos treinamento e capacitação para lidar com esse transtorno na rede de ensino”, já o entrevistado 02 relatou: “com certeza, nós da rede estadual de ensino não temos nenhuma capacitação ou formação para trabalhar com estes alunos”, e por fim, o entrevistado 03 descreveu: “sim, porém o estado não propõe cursos preparatórios para trabalhar com esses alunos”.

Através deste questionamento, é possível notar um certo desamparo aos educadores na parte de capacitação deste profissional para atuar com alunos que demandam uma atenção especial, apesar de oferecer o professor de apoio, ainda falta mais atenção na questão de proporcionar conhecimento e qualificação aos educadores para atuar com as demandas do aluno com TEA. Portanto, é necessário refletir sobre como é realizada a formação destinada aos professores e esclarecer que o conhecimento e qualificação em relação ao aluno com autismo são extremamente importantes, não deixando de lado às questões emocionais do educador, ressaltando para ele como é trabalhar e estar em contato direto com alunos com TEA, com a finalidade de construir relações com cada um desses alunos (ADURENS, VIEIRA 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi explorado profundamente a percepção dos professores do Colégio Estadual Costa e Silva aos alunos com TEA, buscando compreender suas variáveis, desafios e implicações. Tendo em vista a falta de amparo por parte do estado na preparação destes profissionais da educação ao aluno com autismo, a Terapia Ocupacional tem papel fundamental no processo de capacitação destes profissionais. Seu trabalho juntamente com comunidade e escola tem suma importância na aprendizagem do aluno com TEA. Ressalta-se também a importância do professor de apoio nas salas de aula, profissional indispensável no processo de inclusão escolar. Considerando estes fatos, este trabalho tem a finalidade de mostrar a importância dos conhecimentos sob a ótica da Terapia Ocupacional nesse processo de aprendizagem e inclusão escolar, tornando o ambiente escolar mais adequado e digno ao aluno com TEA.

REFERÊNCIAS

- ADURENS F. D. L.; VIEIRA C. M. V. Concepção de professores sobre a inclusão do aluno com autismo: uma pesquisa bibliográfica. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 18, n. 2, p. 94-124, 2018
- ALIAGA, M.; GUNDERSON, B. **Interactive Statistics**. Thousand Oaks: Papyrus, 2002.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Papyrus, 2015.
- DIAS, A.A. **Educação moral a autonomia na educação infantil: O que pensam os professores**. (Tese de doutorado) Universidade Federal da Paraíba, UFP, 2005
- DELLA BARBA, P. C. S.; MINATEL, M. M. Contribuições da Terapia Ocupacional para a inclusão escolar de crianças com autismo. **Caderno de Terapia Ocupacional**. UFSCar, v. 21, n. 3, p. 601-608, 2013.
- FAVORETTO, N. C.; LAMÔNICA, D. A. C. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 3, p. 103-116, 2014.
- FREITAS, A. **A atuação do professor de apoio à**

- inclusão e os indicadores de ensino colaborativo em Goiás.** Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão 2013.
- GALLO, G. C.; NEPOMUCENO R. **Terapia Ocupacional em educação inclusiva: Contextos de atuação da Terapia Ocupacional na escola.** Chapecó, SC, Papyrus, 2019.
- GORAYEB, F. H. Z, GORAYEB S. H. F. P. Z. Deficiência de aprendizagem e metodologias alternativas. **Revista Científica UNAR**, Araras (SP), v.15, n.2, p.86-98, 2017.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar de deficientes mentais: que formação para professores? A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon; SENAC, 1997
- MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007, p. 15, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008.
- MONTE, B. T. **Por trás do espelho de Alice: narrativas visuais como estratégias de inclusão de crianças com transtorno do espectro do autismo.** 2015. dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Rio Grande do Sul, RS, 2015.
- MONTEIRO, S. A. S.; RIBEIRO, P. R. M. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 22, n. 2, 2018.
- NUNES, D. R. P.; SCHMIDT, C. **Educação especial e autismo: das práticas baseadas em evidências à escola.** 2019. p. 09. f. dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal (RN), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria (RS) 2019.
- PAPIM, A. A. P.; SANCHES, K. G. **Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do atendimento educacional especializado em sua prática com crianças com autismo.**, Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins –São Paulo, 2013.
- PARANÁ. Deliberação n.º 02, de 02 de junho de 2003. **Conselho Estadual de Educação.** Curitiba. p. 20. 2003. Disponível em: http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/04032011_deliberaa%E2%80%A1ao_n_u_02_03.pdf Acesso em: 19 set 2023.
- RODRIGUES, D. **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva,** São Paulo: Papyrus, 2006.
- SCARDUA, V. M. A inclusão escolar e o ensino regular. **Revista FACEVV**, v.1, n. 1, p. 85-90, 2º semestre de 2008.
- SCHMIDT, C. **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas, SP: Papyrus, 2013.
- TOYODA, C. Y.; LOURENÇO, G. F. **Educação inclusiva: o contexto da terapia ocupacional.** Chapeco: Papyrus, 2008.